

PAR ÍMPAR¹

*Roberto Conduru
Arquiteto, Doutor em História
Professor de História da Arte da Faculdade de Educação/
Universidade do Estado do Rio de Janeiro e
da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*

RESUMO

A escola foi um dos programas arquitetônicos no qual mais se evidenciou o ideal da arquitetura modernista: produzida com técnicas e formas novas e engajada na criação de uma sociedade justa. No Rio de Janeiro, entre as muitas realizações escolares do movimento moderno de arquitetura, destacam-se duas escolas construídas por Affonso Eduardo Reidy e Carmen Portinho, em Ricardo de Albuquerque e Benfica, nas quais os edifícios pretendem instituir novos modos de viver e sentir.

Palavras-chave: arquitetura modernista, Affonso Eduardo Reidy e Carmen Portinho.

O movimento moderno de arquitetura constituiu-se no contexto europeu, após o fim da Primeira Guerra Mundial, a partir das experiências diversas e mais ou menos isoladas dos arquitetos comprometidos em suas ações profissionais com transformações técnicas, formais e sociais. Esse movimento de renovação da arquitetura culminou em uma ação integrada, a partir de 1928, nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (Ciam), que, em suas declarações e cartas, difundiram o ideário da “arquitetura moderna”.²

No Brasil, o ideal da arquitetura nova e engajada na criação de uma sociedade justa casou-se com a necessidade e a vontade de construir o país e a nação. De realizações esparsas, não conectadas e despercebidas, ao longo da década de 1920, chegou-se a uma ação integrada por parte de artistas e intelectuais, no início da década de 1930, que fez com que a arquitetura modernista passasse, em meados daquela década, de



Affonso Eduardo Reidy e Carmem Portinho em Delfos, Grécia em 1952

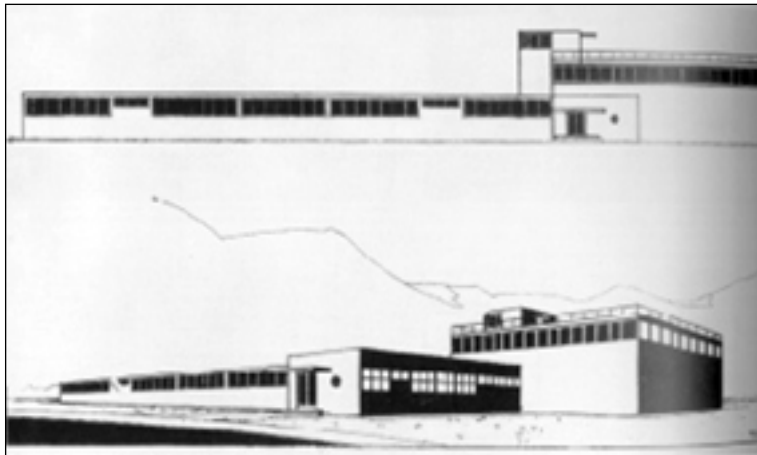
¹Este texto é uma síntese de algumas questões desenvolvidas em *Ilhas da razão. Arquitetura racionalista do Rio de Janeiro no século XX. Tese de doutorado em história defendida na Universidade Federal Fluminense, com orientação da professora doutora Ana Maria Mauad de Souza Andrade Essus, em 2000.*

²Sobre o movimento moderno de arquitetura, ver: *BENEVOLO, Leonardo. História da arquitetura moderna. São Paulo: Perspectiva, 1976, pp. 371-508, e KOPP, Anatole. Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa. São Paulo: Nobel, EDUSP, 1990. Sobre os Ciam, ver FRAMPTON, Kenneth. Historia crítica de la arquitectura moderna. Barcelona: Gustavo Gili, 1993, pp. 273-283.*

uma condição marginal a uma posição privilegiada que logo se tornou central e dominante no meio cultural brasileiro, atendendo aos anseios de modernização e inserção do país na dinâmica cultural do Ocidente.

Com novas formas arquitetônicas, em acordo com os avanços da técnica industrial e a verdade da construção, os arquitetos modernistas deram corpos a programas arquitetônicos de interesse social – cidades, habitações, escolas, hospitais, maternidades, albergues, estações e outros edifícios de serviços públicos – e de representação ou interesse coletivo – sedes ministeriais, repartições públicas e edifícios de instituições civis. Essas realizações modernistas somavam, contudo, um total igual ou inferior ao número de casas, edifícios residenciais e comerciais projetados pelos mesmos profissionais para a especulação imobiliária. Assim, esses arquitetos corriam o risco de participar do processo de transformação social com obras que funcionavam mais como meios de mudança da percepção estética dos usuários e transeuntes, alterando o gosto da população e conferindo uma nova imagem para os espaços do poder estatal e da elite econômica e cultural, do que como elementos de ações políticas visando à alteração do quadro de desigualdades da sociedade brasileira. O que indicava a redução das realizações racionalistas a pouco mais que experiências plásticas, fazendo sobressair o formalismo inerente ao movimento moderno de arquitetura.

Contudo, apesar de revelar as ambigüidades e contradições do movimento moderno – o fetichismo da técnica, o relativismo da verdade construtiva (mais verossimilhança do que verdade; portanto, quase ficção), os compromissos com a ordem burguesa –, esse formalismo trazia no seu próprio cerne o ideal de transformação social, devido à crença dos arquitetos modernistas no caráter regenerador da nova forma, na capacidade dos edifícios de reeducarem os hábitos e a percepção da população, instituindo novos modos de ver e viver. Ingênua e autoritária, com certeza, essa crença implicava em mudanças na proposta dos modernistas: reduzia suas ambições, transformando-a de revolucionária em reformista, e implicava em outra estratégia de ação, a preferir intervenções pontuais em vez de grandes projetos totalizantes.



Projeto – Escola Primária Rural Coelho Neto, Ricardo de Albuquerque, Rio de Janeiro, 1934.

formas tanto sinalizariam quanto deslanchariam o processo. No cotidiano, quer pontuando a passagem dos transeuntes, quer delineando o dia-a-dia de alunos, professores e funcionários, a edificação pretendia ser uma nota eficaz da mudança almejada.

Muitas foram as realizações escolares do movimento moderno de arquitetura no Rio de Janeiro. Das escolas da administração Pedro Ernesto, construídas por Enéas Silva, Paulo de Camargo e Almeida, Raul Penna Firme e Wladimir Alves de Souza, na década de 1930, aos Centros Integrados de Educação Pública (Ciep) do governo Leonel Brizola, projetados por Oscar Niemeyer na década de 1980, delinea-se um conjunto de edifícios escolares cuja diversidade de matizes ideológicos e estéticos permite observar os ideais e as práticas, as possibilidades, os impasses e as alternativas que configuraram os caminhos e os contornos do movimento de renovação arquitetônica.

Entre as escolas modernistas, podem ser destacadas duas experiências que contaram com a parceria de Carmen Portinho (Corumbá, 1903, Rio de Janeiro, 2001)³ e Affonso Eduardo Reidy (Paris, 1909 – Rio de Janeiro, 1964)⁴: a Escola Primária Coelho Neto, em Ricardo de Albuquerque, e a escola do Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, na encosta do morro



Vista do conjunto – Escola Primária Rural Coelho Neto, Ricardo de Albuquerque, Rio de Janeiro, 1934.

do Pedregulho, em Benfica, ambas no Rio de Janeiro. A Escola Primária Coelho Neto foi o primeiro projeto de Affonso Eduardo Reidy construído por Carmen Portinho na prefeitura, em 1934. A foto da

época da inauguração permite recuperar o que significou a ação dos arquitetos modernistas: a escola é uma perfeita “ilha” racionalista, um marco de civilização na zona rural da cidade. Concebida como centro comunitário de educação e saúde, na escola foram previstos, além dos espaços para ensino e aprendizagem, recintos para atividades esportivas e atendimento médico e odontológico. Da entrada, parte uma grande circulação que leva aos ambientes de apoio administrativo, pedagógico, médico e odontológico para chegar ao ginásio coberto; a meio caminho dessa circulação, parte outra, transversal, onde estão as salas de aula e os banheiros. Em altura, a continuidade é estabelecida entre o bloco da administração e serviços complementares e o bloco das salas de aula, uma vez que as necessidades espaciais do ginásio geraram um volume de maior altura, ao qual se justapõe o semicilindro das escadas.

Nesse projeto, como em outros desse período (o Albergue da Boa Vontade, no Rio de Janeiro, por exemplo), o arquiteto configura espaços e volumes em sua maioria ortogonais, cujas exceções também são delineadas por formas geométricas puras; os montantes estruturais alinham-se com as alvenarias e determinam recintos cúbicos totalmente regulares; as composições são abertas e assimétricas, expandindo sua espacialidade na área circundante. Assim, a escola é um conjunto de prismas puros (paralelepípedos, cubos e cilindros) articulados, que se expande de

³Apud PORTINHO, Carmen. *Por toda a minha vida*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 14.

⁴Apud SOLAR Grandjean de Montigny. *Affonso Eduardo Reidy*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1985, pp. 132-133.

modo centrífugo, ortogonal e assimétrico no entorno, irradiando a paisagem com sua geometria iluminista. Se as formas são “importadas”, “abstratas” e “futuristas” – a volumetria cúbica, a laje plana do terraço e a janela círculo na fachada da entrada –, a galeria aberta revela uma atenção às necessidades específicas do clima local que se observa também na orientação dos cômodos, determinada em função da melhor insolação e ventilação dos espaços.

A escola do Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, no Pedregulho, é uma nota de excepcionalidade no conjunto projetado por Affonso Eduardo Reidy, em 1946, como chefe do Setor de Planejamento do Departamento de Habitação Popular (DHP), criado e dirigido pela engenheira Carmen Portinho na prefeitura do Distrito Federal, de acordo com o programa do DHP: “a construção de conjuntos habitacionais, sob novo conceito de moradia, destinados à população de baixa renda e, principalmente, localizados próximos aos seus locais de trabalho” (Bonduki, 2000, p. 82).

A inserção urbana procura distinguir o conjunto das construções do entorno, sem maior relevância, mas explora a topografia do sítio, um terreno com desnível de cerca de 50 metros, de ocupação difícil. Exceção em sua totalidade, o conjunto tem cada uma de suas partes tratada de modo excepcional. Todos os edifícios se destacam, em certa medida, devido ao tratamento diferenciado que é dado a cada função específica. Na “ilha” que é o Pedregulho, cada edifício é uma “ilha” em si. Exceção constituída de exceções, o conjunto é, entretanto, uma obra nitidamente equilibrada, harmoniosa. Se há diferenciação na implantação e no desenho dos edifícios, há, também, unidade e hierarquia na distribuição dos blocos, segundo uma ordem ortogonal, no ter-



Projeto/Maquete – Escola do Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, Benfica, Rio de Janeiro, 1946.

reno de limites esconso e relevo curvilíneo. Na área mais íngreme do terreno, está o edifício de apartamentos que domina o conjunto, tanto pelo programa, por ser o maior e por sua forma sinuosa desenvolvida em diálogo com o perfil da encosta.

A segunda nota de destaque cabe ao conjunto composto pela escola, o ginásio e suas dependências, onde a estratégia de caracterização plástica de cada uma das funções tem uma solução de grande dinamicidade: uma laje inclinada cobre

as rampas e une o prisma esconso e centrífugo da escola, gerado por um trapézio, ao volume curvo e centrípeto do ginásio, determinado pelos arcos que sustentam a cobertura. Além das

questões práticas – o atendimento às exigências funcionais da escola e às condicionantes do sítio –, os edifícios atuam como ativadores da percepção tanto de seus usuários quanto do público externo, instituindo uma espacialidade que, do interior do conjunto, irradia sobre o entorno.

Além de estender o programa do conjunto habitacional para além da mera construção de unidades residenciais, com a previsão dos serviços complementares, houve também a intenção de propiciar aos trabalhadores uma experiência de vida na qual a arte estivesse presente. O ideal da integração das artes, que animou o modernismo arquitetônico no Brasil, presente na escola do Pedregulho, não foi entendido no conjunto como mera justaposição de esculturas e murais à edificação escolar, mas como integração sociocultural: urbanismo, arquitetura, paisagismo e murais como elementos ativos na configuração do conjunto e constitutivos de um novo sentido de vida urbana. Nesse sentido, o Pedregulho é um exemplo perfeito do racionalismo “humanizado”: o todo e cada uma das partes é pensado de acordo com razões práticas e estéticas. O conjunto residencial do Pedregulho é uma obra de equipe, mas na qual sobressai a inventividade de Affonso Eduardo Reidy e a liberdade de trabalho impressa por Carmen Portinho em sua gestão no DHP.

Na fortuna crítica do arquiteto costuma-se destacar as ramificações anglo-saxões e latinas de sua ascendência – pai escocês filho de irlandês e mãe brasileira filha de italianos – como origem de uma personalidade equilibrada que se estende da pessoa à obra (Gassiot-Talabot, 1962). De modo semelhante, pode-se destacar um dado de sua biografia, decorrente do fato de ter vivido mais da metade de sua vida com Carmen Portinho, uma companheira mais idosa, adepta do feminismo e à qual, por vezes, foi subordinado no trabalho. Sem terem legalizado a união junto ao Estado nem pedido a benção religiosa, tiveram uma postura independente do moralismo vigente na sociedade brasileira da época. A percepção arguta de Lúcio Costa já apontara no casal um “trato bem-humorado, cortês e discreto [que] não trai, à primeira vista, as reservas de paixão, de fibra, de engenho e de malícia que têm sabido dar prova” (1995, p. 204). A atitude livre e apaixonada do casal também pode ser encontrada em suas realizações e na plástica franca, audaciosa e desinibida, inovadora e extrovertida da arquitetura de Affonso Eduardo Reidy. Formas livres e liberadoras que não deixam de provocar imagens de paixão e erotismo.

O Museu de Arte Moderna, dirigido por ela e projetado por ele, gerou as imagens de encontro, otimistas e diurnas de Carlos Drummond de Andrade em “MAM”:

Uma coisa pura/ em face do mar/ Uma forma nova/ ante o mar antigo/ Que lhe diz a onda,/ que
lhe informa o vento?/ Que a vida circula/ como pensamento/ e que há nos navios/ o antes-do-
navio/ e uma graça oclusa/ seio sob a blusa/ disciplina as coisas/ à flor dos sentidos/ e os sais e
as estrelas/ traçam planos sábios/ para a astuciosa/ colheita do acaso/ que os gregos deitados/ em
tumbas de mármore/ nos piscam, sorriem/ e dizem: Cansados?/ Isso conta o mar,/ o vento assim
diz/ E o mar que lhe ensina/ a forma feliz?// MAMAM// Uma concreção/ do mistério prístino/
feito matemática/ e a figuração/ inerente ao espaço/ que as condensa todas/ e correspondendo/
sem gula de abraço/ ao cortante anseio/ ao gaio saber/ à longa procura/ ao verde começo/ de ca-
da criatura/ aos sonhos meninos/ ao claro traçado/ da avenida real/ que vai de nós mesmos/ à
flor dos objetos/ Conta-lhe segreda/ o que uma coluna/ encerra de música/ o que há num vão/
num ritmo na linha/ posta no papel/ plantada no chão/ e crescendo ao sol/ como uma palmeira/
floresta de palmas/ nativas? criadas?/ que se organizaram?/ em paz de rebanho/ e na tranqüilida-
de/ de seu existir/ dão-nos a saudade/ do que ainda há de vir/ dentro dessa forma/ concha de
surpresas/ A noite se acende/ Brotando da terra/ dançam no verão/ as livres argilas/ os volumes

leves/ os vidros as cores/ flor do tempo isenta/ da usura do tempo/ flor em movimento//
MAMAM// À traça de Reidy/ ao gesto de Carmen/ à voz de Niomar/ uma coisa pura/ linha luz e
ar/ pausa em frente ao mar // MAM MAM MAM.⁵

O Parque do Flamengo, projetado por Affonso Eduardo Reidy, motivou as imagens noturnas, solitárias e sombrias de Antônio Cícero em “O parque”:

À noite ele vai ao parque/ entre o mar e a cidade/ e o precipício do céu/ e o abismo do seu eu.//
Com toda amabilidade/ ele joga a rede e fere/ as águas da noite suave/ e colhe o que se
oferece:// no sentido do relógio, as luzes de Niterói, a escuridão e a Urca/ e sobre ela o Pão de
Açúcar;// depois, pistas de automóveis/ e em meio a certas folhagens/ sabe-se lá o que fazem/
uns atletas quase imóveis;// o Hotel Glória iluminado/ atrás de um bosque no breu;/ o monu-
mento, o soldado,/ e adiante o museu// e a marina; e depois,/ vindo lá do aeroporto/ um longín-
quo odor de esgoto/ ofende as damas da noite;// e há vultos à beira-mar/ e amantes à meia-luz/ e
à superfície do mar/ um azul que tremeluz// e seu desejo encarnado/ na mão de certo moreno/
tão cálido e apaixonado/ que é louco pelo sereno;// e finalmente o que há/ é a via Láctea a jorrar/
no alto do firmamento/ e a seus pés sem fundamento.⁶

Dois discursos poéticos que, articulados, também remetem, na indicação do curso do tempo, à condição contemporânea da arquitetura racionalista do Rio de Janeiro: entre projeto e ruína.

⁵ANDRADE, Carlos Drummond de. MAM. In: NOBRE, Ana Luiza. *Carmem Portinho. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1999, pp. 103-104.*

⁶CÍCERO, Antônio. *O parque.* In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Esses poetas. Uma antologia dos anos 90. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998, pp. 59-60.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. MAM. In: NOBRE, Ana Luiza. *Carmem Portinho*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1999, pp. 103-104.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1976, pp. 371-508.
- BONDUKI, Nabil. *Afonso Eduardo Reidy*. Lisboa: Editorial Blau, 2000.
- CÍCERO, Antônio. O parque. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Esses poetas*. Uma antologia dos anos 90. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998, pp. 59-60.
- CONDURU, Roberto. *Ilhas da razão*. Arquitetura racionalista do Rio de Janeiro no século XX. Tese de doutorado. Departamento de História. Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2000.
- COSTA, Lúcio. Pedregulho. In: *Lúcio Costa: Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- FRAMPTON, Kenneth. *Historia crítica de la arquitectura moderna*. Barcelona: Gustavo Gili, 1993, pp. 273-283.
- GASSIOT-TALABOT, Gerald. Afonso Eduardo Reidy. *Cimaise*, Paris, ano 9, nº 58, mar./abr. 1962, pp. 116-127.
- KOPP, Anatole. *Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa*. São Paulo: Nobel, EDUSP, 1990.
- PORTINHO, Carmen. *Por toda a minha vida*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- SOLAR Grandjean de Montigny. *Afonso Eduardo Reidy*. Rio de Janeiro: PUC/Rio, 1985.

RESUMEN

La escuela constituye uno de los programas arquitectónicos donde más se imprimió el ideario de la arquitectura modernista: producida bajo técnicas y forma nuevas, bien como comprometida con la creación de una sociedad más justa. En la Ciudad de Rio de Janeiro, entre muchas otras edificaciones escolares del movimiento modernista de la arquitectura, se destacan dos escuelas erigidas por Afonso Eduardo Reidy y Carmen Portinho, en los barrios de Ricardo de Albuquerque y Benfica, cuyos edificios introducen nuevos medios de vivir y sentir.

Palabras-clave: *Arquitetura modernista, Afonso Eduardo Reidy, Carmen Portinho.*

ABSTRACT

School's architecture has grown up in straight coherence to main Modern Architecture ideals: produced with new techniques and shapes, and engaged to social justice project. In Rio de Janeiro, among the several school's environments derived from Modern Architecture Movement, we detach here two of them, build by Afonso Eduardo Reidy and Carmen Portinho, respectively located in Ricardo de Albuquerque and Benfica, whose edification properties introduce new ways of life and feeling.

Keywords: *modern Architecture, Afonso Eduardo Reidy, Carmen Portinho.*